

**“NÃO TEM NINGUÉM EM PAZ”:
DA FELICIDADE E DE SEUS CONTRÁRIOS**

**“NOBODY IS AT PEACE”:
ON HAPPINESS AND ITS CONTRARIES**

Isadora Machado¹
Enzo Pizzimenti²

Data de recebimento do texto: 02/08/2025

Data de aceite: 30/09/2025

Resumo: Propõe-se um *exercício-flâneur* (Machado, 2023) pelos sentidos de *felicidade*, produzidos a partir de um campo semântico que estabelece relações de sinonímia (alegria, contentamento, júbilo, prazer etc.) e de antonímia (tristeza, descontentamento, desânimo etc.), numa interseção profícua entre a Semântica da Enunciação, a Filosofia e a Psicanálise. Analisando textos que vão desde as diferentes versões do DSM (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*) até casos clínicos, concluímos que é possível sustentar uma relação de antonímia entre *alegria* e *felicidade*. A partir disso, discutimos as tentativas contemporâneas de apagar os traços singulares da existência humana.

Palavras-chave: Alegria. Felicidade. Semântica. Psicanálise. DSM.

Abstract: This study undertakes a flâneur-like exploration of the meanings of *happiness*, constructed from a semantic field that establishes relations of synonymy (joy, contentment, jubilation, pleasure, etc.) and antonymy (sadness, discontent, discouragement, etc.), engaging a productive intersection between Enunciative Semantics, Philosophy, and Psychoanalysis. Through an analytical journey encompassing texts ranging from multiple editions of the DSM (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*) to clinical case studies, the analysis demonstrates the viability of positing an antonymic relationship between joy and happiness.

Keywords: Joy. Happiness. Semantics. Psychoanalysis. DSM.

¹Escritora, linguista e ativista antimanicomial. Professora Adjunta do Instituto de Letras na Universidade Federal da Bahia. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA (PPGLinC). Líder da GrupA (Grupo de Práticas em Semântica e Discurso – UFBA/CNPq). E-mail: isadoram@ufba.br

²Psicólogo, psicanalista e ativista antimanicomial. Doutor em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade São Paulo (IPUSP). Membro do Laço Analítico. Coordenador de grupos de estudos ligados à clínica psicanalítica em sua relação com a cidade. E-mail: enzopizzimenti@hotmail.com

Felicidade e sentido

Eu estava com saúde
Adoecei
Eu não ia adoecer sozinha não
Mas eu estava com saúde
Estava com muita saúde
Me adoeceram
Me internaram no hospital
E me deixaram internada
E agora eu vivo no hospital como doente
O hospital parece uma casa
O hospital é um hospital
(Stella do Patrocínio)³

O filme *Divertidamente* (*Inside Out*), lançado pela Pixar em 2015, conquistou crítica e público ao apresentar uma narrativa sensível sobre o funcionamento das emoções humanas. Ambientado na mente da jovem Riley Andersen, o longa explora a personificação de cinco emoções: *Joy* (Alegria), *Sadness* (Tristeza), *Fear* (Medo), *Anger* (Raiva) e *Disgust* (Nojinho), que competem pelo controle de suas reações e decisões. Em 2024, *Divertidamente 2* deu continuidade à saga emocional, agora abordando os desafios da adolescência e da entrada na puberdade. Novas emoções entram em cena: *Anxiety* (Ansiedade), *Ennui* (Desânimo), *Embarrassment* (Vergonha) e *Envy* (Inveja), aprofundando os dilemas internos de sua protagonista. A série de filmes, aclamada por sua abordagem psicológica, produz um debate lúdico sobre o valor e os limites da busca por um bem-estar absoluto.

Em *Divertidamente 2*, a relação entre *Joy* e *Anxiety* emerge como um ponto central da narrativa. Enquanto no primeiro filme *Joy* era retratada como a líder dominante das outras emoções, empenhada em suprimir *Sadness* para garantir o bem-estar de Riley, a sequência introduz a ansiedade como uma nova emoção que desafia o monopólio da alegria. A dinâmica entre Alegria e Ansiedade subverte a antonímia estabilizada entre alegria e tristeza, e nos convida a uma reflexão mais complexa sobre os sentidos contemporâneos de felicidade.

A ansiedade, personificada como uma emoção inquieta e hiper alerta, contrasta diretamente com a energia otimista e controladora de *Joy*, sinalizando que o contrário de alegria não é necessariamente tristeza, mas sim a constante vigilância e o temor pelo futuro.

³ Poeta e intelectual. Nasceu em 1941 e passou mais de 30 anos presa, internada na *Colônia Juliano Moreira* - RJ, onde morreu em 1992. Para saber mais sobre Stella do Patrocínio, ver, por exemplo, Zacharias (2020).

Essa inversão simbólica ressignifica o papel das emoções, sugerindo que a obsessão pelo controle emocional e pela felicidade contínua pode, paradoxalmente, alimentar estados de ansiedade. O filme se torna, assim, uma alegoria sobre as pressões contemporâneas pela felicidade excessiva, reforçando a necessidade de abraçar uma gama emocional heterogênea e, acima de tudo, de reconhecer a alegria como uma experiência fugaz e relacional, em vez de um estado idealizado e permanente. Se causa alguma surpresa o fato de o filme produzir essa antonímia entre Alegria e Ansiedade (e não alegria e tristeza, ou alegria e melancolia etc.), sabemos também que tanto as sinônimas quanto as antonímias são efeitos de sentido: não estão *nas* palavras, mas são construídas no acontecimento de enunciação (GUIMARÃES, 2018).

Ao incluirmos este breve apontamento sobre *Divertidamente 2*, buscamos introduzir uma questão colocada por Sigmund Freud, especificamente nas elaborações que ele condensa em *O mal-estar na cultura*, publicado em 1930. A escolha por este diálogo se deve pelo intento freudiano – que se consagrou também como uma direção para a Psicanálise, especialmente com as contribuições de Jacques Lacan – de complexificar o debate sobre a relação entre o mal-estar e a construção de sentidos capazes de justificar e, deste modo, aplacar, o sofrimento.

De partida, a escolha pela noção de *construção* nos ajuda a situar a radicalidade presente na concepção freudiana de cultura [*kultur*], que

caracteriza a soma total das realizações e dos dispositivos através dos quais a nossa vida se distancia da de nossos antepassados animais e que servem a duas finalidades: a proteção do ser humano contra a natureza e a regulamentação das relações dos seres humanos entre si (FREUD, 2021 [1930], p.337).

Assim, para Freud, a cultura diz respeito à articulação entre as variadas medidas paliativas que visam responder os impasses aos quais os sujeitos se veem submetidos, tais como a finitude da vida que se realiza tanto na certeza da morte, quanto na impossibilidade de se prescindir de sua condição de desejante; dos limites no controle da natureza, que atestam a pequenez humana, como nas catástrofes dos eventos climáticos e, por fim, nas dificuldades que a vida ao lado de outros sujeitos nos apresenta.

Com vistas às dificuldades experimentadas na vida em comunidade em articulação com os destinos da pulsão, Freud traz a noção de felicidade para o cerne de sua elaboração, justificando tal escolha em um dado eminentemente clínico: a onipresença de uma busca por

felicidade, apoiada e articulada com três das maiores criações humanas: as religiões, as ciências e as artes. Assim, propõe, tal qual sublinhamos ocorrer em *Divertidamente 2*, uma complexificação dos sentidos ligados ao que se compreende por felicidade, incluindo neste debate, a um só tempo, aspectos subjetivos e culturais que, como veremos, participam da própria concepção de saúde e doença vigente em nosso tempo.

Do que Freud nos apresenta quanto à relação entre essas três criações humanas e a busca pela felicidade, é importante frisar a continuidade que afirma haver entre elas quanto ao que nomeia ser seu valor fundamental, o que o leva a dizer que “em seu valor vital elas podem representar-se ou substituir-se mutualmente” (FREUD, 2021 [1930], p.318). Freud chega até esta elaboração no fim de sua obra, o que nos leva a afirmar a relevância de se ter em vista que muitos desses achados só foram possíveis a partir de sua clínica, isto é, daquilo que pôde aprender na escuta de homens e mulheres em um profundo estado de sofrimento psíquico.

A fim de atravessar esta superfície por vezes demasiado rígida da teoria, trazemos aqui um excerto clínico que, assim esperamos, pode contribuir para a compreensão disso que Freud situa como fundamento das mais variadas criações humanas.

Ícaro⁴ procura análise após uma série de crises de ansiedade que relata ter se intensificado desde o seu casamento. Passados os primeiros momentos de seu processo analítico, encontra-se com impasses ligados à relação que, desde pequeno, estabeleceu com a religião. Mais especificamente, com aquilo que aprendeu com seus pais sobre Deus.

Após alguns anos de análise, Ícaro se vê diante de um dilema agudo, que o leva a questionar sua heterossexualidade. Em uma manhã, traz para o seu analista um questionamento quanto à possibilidade de este ter um diagnóstico para ele. Emenda, afirmando ter marcado uma consulta com um psiquiatra para que este pudesse dar isso que ele buscava⁵. Ao ser questionado pelo analista quanto à sua expectativa, a partir deste diagnóstico, Ícaro recupera sua história com a religiosidade e a expectativa que tinha de que Deus poderia dar uma resposta definitiva sobre sua missão na terra. Em suas palavras: “A busca por um diagnóstico está ligada à resposta que sempre quis ter de Deus, logo, do meu pai... o que ele tem a dizer sobre mim?”.

⁴ Nome fictício.

⁵ Algo importante de ser frisado está no fato de Ícaro deixar explícito que o que ele buscou ao marcar um psiquiatra não foi propriamente um tratamento, mas sim a nomeação, por um outro, não qualquer, um psiquiatra, para o seu sofrimento.

Neste breve fragmento, vemos a articulação de, pelo menos, duas esferas que compõem a cultura, tal qual ela se realiza no Ocidente: as religiões e a ciência. O aparente paradoxo exposto nesta aproximação que Ícaro faz entre a busca por uma nomeação cientificamente amparada que viria a garantir um lugar e um sentido para sua vida, e o apoio baseado na religião é, justamente, o que evidencia isso que Freud nomeia como o valor vital que cauciona o lugar que as religiões, as artes e as ciências têm no Ocidente.

Este excerto clínico nos permite demonstrar a possível continuidade entre o discurso religioso e o científico, bem como o lugar potencialmente de risco subjetivo que a prática diagnóstica tem na atualidade, mas não iremos adentrar neste aspecto agora. O que importa neste momento é aproximar a expectativa de controle e o suposto aplacamento da ansiedade que um diagnóstico poderia oferecer a Ícaro.

Como em muitos relatos que ouvimos, dentro e fora dos consultórios, o que parece estar em jogo neste movimento realizado por Ícaro é a busca por uma resposta que, em um só tempo, visa dar um esclarecimento sobre o seu desejo, bem como uma direção de cunho moral para a sua orientação sexual. Reconhecemos que este excerto traz uma série de componentes que nos permitem promover discussões urgentes em nosso tempo. Mas gostaríamos que o foco fosse mantido sobre a relação entre a busca por uma finalidade ou propósito para a vida e o aceno para que um Outro oriente esta busca.

O convite que fazemos visa à construção desta proposição quanto à responsabilidade do sujeito frente às ofertas de discursos, estejam eles sob o teto das ciências, estejam nos diversos discursos religiosos, e o risco de, ao aceitar tais ofertas, recair no que Freud chama de rebaixamento do valor da vida, justamente pelo caráter massificante que “impõe a todos, de igual maneira, o seu caminho para a obtenção da felicidade e para a proteção contra o sofrimento” (FREUD, 1930 [2021], p.332).

Neste ponto podemos indicar, com Freud e Ícaro, que assim como as religiões e as ciências têm em comum esse fator que faz delas modos de compreensão do mundo que operam a partir da negação de parte da realidade; ambas também comparecem como saídas que incorrem no risco de funcionarem como imperativos com pouco ou nenhum espaço para que o sujeito coloque algo de si. Diante de tal rubicão, Freud abre uma via que toca diretamente na questão que ora gostaríamos de tratar - o anseio pela felicidade:

Poderíamos dizer que a intenção de que o ser humano seja “feliz” não está no plano da “Criação”. O que chamamos de felicidade, no sentido mais rigoroso, provém antes da repentina satisfação de necessidades altamente represadas e, de acordo com a sua natureza, só é possível enquanto fenômeno episódico (FREUD, 2020 [1930], p.320).

Ainda que Freud flerte de modo arriscado com as ciências de seu tempo, podemos aproximar a indicação freudiana quanto ao caráter repentino e episódico do encontro com a felicidade, da crítica que *Divertidamente 2* traz sobre a busca por este estado idealizado e permanente, comumente aproximado ao encontro com a felicidade. Podemos, assim, dizer que o encaminhamento freudiano à questão sobre a felicidade pressupõe uma saída não-universalizante que nos interessa sublinhar:

A felicidade, no sentido moderado em que é reconhecida como possível, é um problema da economia libidinal do indivíduo. Aqui não há nenhum conselho que sirva para todos; cada um precisa tentar por si mesmo a maneira particular para se tornar feliz. Os fatores mais variados atuarão para indicar os caminhos de sua escolha (FREUD, 2021 [1930], p.330).

Até aqui, podemos acompanhar Freud em suas elaborações sobre a forma como as criações humanas são articuladas, a fim de mitigar o sofrimento e o mal-estar, bem como sobre o risco de elas terminarem por impor uma espécie de norma baseada no alijamento do desejo e suas múltiplas e singulares formas de expressão. Especificamente sobre a felicidade, é possível recolher uma diferença bastante sutil entre isso que ele nomeia como felicidade moderada, de uma outra expectativa ligada a uma felicidade totalizante.

Além de aproximar a busca por este estado ideal e permanente de felicidade a um rebaixamento intelectual, Freud também afirma que tal recurso reduz o espaço que o sujeito tem para articular singularmente sua história no tempo em que vive e na vida que tem. O curioso é que em um dos poucos momentos que Freud se vale da noção de alegria é, justamente, para indicar uma saída que articula trabalho psíquico e intelectual com a alegria experimentada pelo artista frente à sua criação:

Nesse caso, o destino pouco nos fará mal. As satisfações dessa espécie, tal como a alegria do artista com a criação, com a encarnação da figura de sua fantasia, a do pesquisador com a solução de problemas e com o reconhecimento da verdade, possuem uma qualidade particular, que certamente um dia poderemos caracterizar metapsicologicamente. Por ora, podemos apenas dizer, figurativamente, que elas nos parecem “mais refinadas e mais elevadas”, mas a sua intensidade é abafada, quando comparada com a da saciação de moções pulsionais grosseiras e primárias; elas não abalam a nossa corporeidade (FREUD, 1930/2020, p.325).

A nosso ver, está nessa sutileza presente no texto freudiano um primeiro passo que gostaríamos de dar sobre uma antonímia possível entre felicidade e alegria que atrela a última a uma outra relação com aspectos ligados à singularidade e à fantasia, mas não só. Freud também indica haver neste estado uma outra sensação atrelada à experiência corpórea. Ao

que parece, há neste estado uma articulação pulsional menos orientada para o controle e, por isso, mais disposta aos efeitos dos inesperados acontecimentos que tornam a vida diversa. Deixemos, por ora, aqui.

Da felicidade e de seus contrários

O filósofo prussiano Friedrich Nietzsche, ao dinamitar as estruturas tradicionais dos valores, propõe uma crítica contundente às antonímias que moldam o pensamento moral ocidental. Para ele, essas dicotomias, como bem e mal, ou, em nosso caso, felicidade e tristeza, são construções cristalizadas ao longo do tempo, em grande parte devido ao esquecimento do princípio histórico e cultural dos valores morais. Para Nietzsche (MAI/HH, §96)⁶, toda tradição e toda moral são produzidas pelo esquecimento. É a partir do momento em que se esquece a gênese da produção de um valor, sua finalidade, que a tradição se fixa e, com ela, a interpretação sobre a moralidade desse valor (MACHADO, 2015).

Combater as antonímias naturalizadas na historicidade dos processos semânticos é investigar de que maneira elas se constituem: por que bom é o oposto de mau? De onde se origina nosso bem e nosso mal? Podemos, assim, pensar com Nietzsche: por que felicidade seria o contrário de tristeza? De onde se origina nossa felicidade e nossa infelicidade? Nietzsche nos convoca a questionar a origem dessas categorias morais, que não nascem de uma oposição essencial, mas de um erro. Em sua perspectiva, a filosofia metafísica, ao aderir à ideia de que os valores mais elevados devem ter uma origem transcendental ou miraculosa, não só nega a complexidade das experiências humanas, mas também naturaliza a oposição de valores como algo imutável e dado (MACHADO, 2015).

Essa crítica às dicotomias dos valores morais se estende à própria construção da linguagem que, ao cristalizar essas oposições, aprisiona a liberdade do pensamento e limita a compreensão da experiência humana. “Toda palavra é um pré-conceito (*Vorurteil*)”, diz Nietzsche (WS/AS, §55), e isso se aplica especialmente àquelas palavras que fundamentam as maiores divisões morais e espirituais, como o bem e o mal, mas, sobretudo no nosso contemporâneo, a felicidade e seus contrários. Se para o filósofo a dicotomia entre os valores não reflete uma realidade objetiva, mas uma imposição histórica que obscurece as nuances e as gradações das cores da vida, ao rejeitar as noções de valor absoluto e essência, Nietzsche

⁶ Para as citações de Nietzsche, seguimos a convenção adotada pelos Cadernos Nietzsche.

propõe uma “química dos conceitos” (MAI/HH, §1) — uma abordagem que leva em conta as misturas complexas de elementos contraditórios que formam a experiência humana, permitindo que os valores se reinventem de acordo com o modo como as condições se apresentam a fim de que sejam transvalorados (MACHADO, 2015).

Ao questionar as bases das oposições, Nietzsche nos convida a desconstruir as ideias metafísicas que, ao longo do tempo, foram naturalizadas pelo exercício da linguagem. As antonímias, que parecem evidentes, não são mais do que preconceitos historicamente enraizados. O trabalho de uma posição materialista é, então, dismantelar essas visões de mundo fixas e, ao fazê-lo, produzir fissuras no ritual ideológico (MACHADO, 2015).

Se em *Divertidamente 2* há um efeito de antonímia entre Alegria e Ansiedade – e não entre Alegria e seus antônimos cristalizados como evidentes – podemos pensar em outros dois acontecimentos enunciativos (GUIMARÃES, 2018) que produzem efeitos de antonímia inusuais, entre algo da ordem da felicidade, da vida e da paz. Vejamos dois recortes extraídos, respectivamente, da interrupção em uma reunião realizada em um hospital-dia⁷ e de uma carta endereçada a Chester Bennington⁸ após ele ter cometido suicídio.

Em uma tarde de trabalho neste hospital-dia, M. invade a sala de reuniões dos terapeutas gritando: “Meu irmão vai ser assassinado! Ele me viu pelada e vai ser assassinado por meu pai!”. Uma terapeuta, ao ver a cena, cena esta que se repete diariamente, olha para ela e afirma: “M., fique tranquila, seu irmão está em casa. Ele está em paz”. Antes de bater a porta e ir embora, M., ainda mais desesperada, corrige a afirmação:

[E1] *Não fale besteira, não tem ninguém em paz. Ele está vivo, estamos todos vivos!*

Para explicitar o funcionamento dos sentidos, recorreremos às paráfrases, tal como definidas por Guimarães (2018). Assim, podemos dizer que a paráfrase abaixo é possível:

P1 - *Estar vivo é estar sem paz.*

Temos, então, um efeito de antonímia entre “vivo” e “paz”, e novamente temos uma antonímia inusual, pois o antônimo dicionarizado de “vivo” seria “morto”, e de “paz” seria

⁷ Hospital-dia é uma das propostas alternativas à internação em hospitais psiquiátricos. Nele os pacientes passam o dia, em geral entre 8h e 17h, participando de atividades que não se restringem à lógica psiquiatrizante de tratamento baseada na relação vertical estabelecida entre o médico e o paciente.

⁸ Chester Bennington foi um compositor, músico e cantor mundialmente conhecido por liderar a banda de rock estadunidense *Linkin Park*. Em 20 de julho de 2017 foi encontrado morto em sua residência, no sul da Califórnia. A causa de sua morte foi suicídio por enforcamento.

“guerra”. Nossa posição, no entanto, compreende que o sentido é produzido no acontecimento enunciativo (GUIMARÃES, 2018), e não dado *a priori*.

Vejamos outro recorte. Nesse caso, resgatamos a carta para Bennington da biografia escrita por Rosanna Constantino, “*In the end: a história de Chester Bennington*”. Após uma cuidadosa retomada da biografia do cantor, Constantino (2022) dedica um capítulo às reações que os fãs tiveram diante da notícia da morte de seu ídolo. Em uma destas, escrita pelo fã-club *Chesterbe*, lemos o seguinte:

[E2] Espero que todos aqueles demônios tenham ido embora de uma vez por todas. Espero que tenha encontrado o que procurava. Sei do fundo do meu coração que você amava a vida e que não buscava a felicidade quando partiu porque você já a tinha. Você procurava a paz para a sua mente e espero que tenha encontrado a mesma paz que nos deu e que ainda nos dá todos os dias (CONSTANTINO, 2022, p.309).

Podemos então produzir algumas paráfrases:

P1 - *Não buscava felicidade, mas paz.*

P2 - *Quem busca felicidade não busca paz.*

P3 - *Quem tem felicidade busca paz.*

P4 - *Paz é o que falta a quem tem felicidade.*

Por meio das paráfrases, é possível explicitar o efeito de antonímia entre *felicidade* e *paz*. Também pouco usual, mas o que nos interessa é pensar nessa rede de sentidos que opõem alegria / ansiedade, vida / paz, e, logo, paz / felicidade. Caminhemos por outra materialidade enunciativa, para em seguida produzir uma compreensão sobre essa rede.

Nosso exercício-flâneur⁹ nos levou às diferentes versões do DSM - *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, cuja primeira versão foi publicada em 1952, sete anos após o fim (oficial) da 2ª Guerra Mundial. Esse dado não é trivial. No pós-guerra, as sociedades ocidentais e ocidentalizadas foram compelidas a se organizar em torno da ideia de normalidade, o que implicava forçosamente o controle das populações e um foco

⁹ “Trata-se de uma técnica exploratória de análise semântica que tenho exercitado, que privilegia a observação sensível e a deriva interpretativa ao longo do tecido enunciativo, inspirada na flânerie urbana de Baudelaire. Essa técnica, como uma espécie de caminhada reflexiva, distingue-se pela atenção às significações que emergem não de hipóteses predefinidas, mas de um movimento contínuo de imersão nos percursos enunciativos. Inspirada na ideia de sondagem de Eduardo Guimarães, com a qual compartilha a busca por regularidades semânticas a partir de fragmentos enunciativos, o exercício-flâneur se afasta de uma abordagem mais sistemática ao privilegiar o caráter contingente e errante da experiência interpretativa em Semântica. Aqui, o semanticista-flâneur se permite atravessar pelas inflexões e deslocamentos do sentido, captando nuances e zonas de tensão semântica conforme elas emergem no ato da escuta, condicionadas por algo do acaso (MACHADO, 2023, p.21)”.

intensivo no indivíduo e na gestão do comportamento e dos processos de subjetivação (NICARETTA, 2011, p.371). Investiu-se no rápido avanço e desenvolvimento das ciências cognitivas e comportamentais, e a psiquiatria assumiu então um lugar central em meados do século XX, enquanto uma área estratégica para a normatização dos indivíduos (PERREAULT, 2015, p.58), sobretudo para dar conta de parte dos milhares de estadunidenses que estavam regressando da guerra mutilados, adictos, alcóolicos e com diversas sequelas psicológicas, bem como para a reconstrução de uma Europa devastada pela guerra.

O DSM constitui, assim, parte da crescente medicalização da vida social, classificando e diagnosticando doenças mentais, que passaram a ser tratadas como questões objetivas e científicas. Caponi (2014), ao analisar o DSM como dispositivo, marca as contribuições de Michel Foucault (*Os anormais*, 1999) para a compreensão das

condições de possibilidade discursivas e institucionais desse discurso que integrou um conjunto de fatos simples, tais como a tristeza profunda, a desatenção na infância, a excessiva preocupação com o trabalho, as alterações em nossos padrões de sono ou apetite - isto é, fatos que fazem parte da condição humana, ao campo da psiquiatria (CAPONI, 2014, p.743).

Além disso, o DSM-IV (1994) produz, segundo Caponi (2024, p.743), a multiplicação do “número de diagnósticos psiquiátricos de acordo com sintomas clínicos bastante ambíguos, possibilitando o surgimento de novas terapêuticas, que podem ser ou não farmacológicas”.

De acordo com Martins (2012), o pós-guerra condiciona uma nova configuração liberal de governança e uma reconfiguração do conceito de capital humano. Não se trata mais do sujeito disciplinado por técnicas de trabalho, normas familiares e o controle médico sobre o anormal, mas da consolidação da ideia de um indivíduo autônomo, senhor de si, pleno de consciência. Esse sujeito é instado a se tornar o "autor ativo" de suas escolhas de vida, sendo também o único responsável pelos riscos e consequências que essas escolhas acarretam (MARTINS, 2012). O bem-estar do indivíduo dependeria apenas dele e de sua força de vontade: “a vontade de saúde deixaria de buscar apenas evitar a doença ou morte prematura, e passaria a encodizar a otimização da corporeidade de modo a abarcar algo como um “bem-estar” total – beleza, sucesso, felicidade, sexualidade, e muito mais” (ROSE, 2001, p.17-18 *apud* MARTINS, 2012, p.252).

Esta nova configuração nos remete à delimitação feita por Freud para estados ligados à adesão a regimes que supõe a existência de um mestre, detentor de uma cartilha que, se seguida sem questionamentos, levaria o sujeito a atingir uma “zona livre de conflitos de um Ego que se autonomiza ao controlar suas pulsões primitivas, o que lhe permite conquistar sua independência frente às adversidades na realidade” (GONÇALVES, HARARI & SANTIAGO, 2008, p.60). Ademais, tal configuração também remete à problemática exposta na discussão realizada a partir da demanda que Ícaro endereçou ao seu analista, e a um psiquiatra, a fim de obter um diagnóstico para aquilo que encontrou em sua análise e que se mostrou adverso demais para ele.

Por conta disso, pensar as relações de sentido que produzem efeitos de antonímia em relação à felicidade nos levou até a análise semântica dos DSM. De imediato, chama atenção o fato de que as palavras *joy* (alegria) e *happiness* (felicidade) não aparecem nas duas primeiras edições, mas somente a partir da terceira. Fomos em busca, então, de palavras que compõem, de algum modo, um campo semântico com felicidade: euforia, elação, agitação etc.

Para empreender essa análise, percorremos a aparição das palavras no texto, e passamos a buscar, então, os enunciados decisivos (GUIMARÃES, 2018). A partir desses recortes, fizemos a análise das relações de predicação por meio das ferramentas aportadas pela Semântica Histórica da Enunciação. A seguir, traremos a discussão que as análises possibilitaram, sem apresentar exaustivamente o percurso analítico.

“Euforia”, nas diferentes versões do DSM, aparece significada por uma estrutura binária de oposição entre euforia/elação e tristeza/depressão. Essa dicotomia, em que a euforia é associada ao excesso e descontrole, enquanto a tristeza é vinculada à melancolia e inação, reporta-nos novamente à crítica mais ampla que Nietzsche estabelece sobre as antonímias. Polaridades dicotômicas como essas são construções que restringem a complexidade da experiência humana. Assim, ao colocar a euforia e a tristeza em polos opostos, o DSM produz um efeito de exclusão (ou x, ou y).

A experiência emocional humana é resumida a uma divisão simplista entre excessos e inações, entre "saúde" e "doença". A euforia, que deveria ser vista como uma manifestação da vitalidade humana, é muitas vezes patologizada, assim como a tristeza, que é associada à depressão. Podemos lembrar aqui de Cortázar (2005 [1963]), em *Rayuela*, que no capítulo 73 perguntava:

Entre el Yin y el Yang, ¿cuántos eones? Del sí al no, ¿cuántos quizá? Todo es escritura, es decir fábula. ¿Pero de qué nos sirve la verdad que tranquiliza al propietario honesto? Nuestra verdad posible tiene que ser invención, es decir escritura, literatura, pintura, escultura, agricultura, piscicultura, todas las turas de este mundo (CORTÁZAR, 2005 [1963], p.545).

Quando analisamos os processos de significação das palavras *joy* e *happiness*, que só aparecem a partir do DSM-III, temos a produção de um efeito de antonímia entre alegria e felicidade. Dois recortes enunciativos foram decisivos para chegar a esse resultado:

[E3] *O indivíduo pode apresentar interesse ou participação notadamente menor em atividades que antes eram prazerosas (Critério D5), sentindo-se alheio ou isolado de outras pessoas (Critério D6), ou incapacidade persistente de sentir **emoções positivas** (especialmente **felicidade, alegria, satisfação** ou emoções associadas a intimidade, ternura e sexualidade) (Critério D7).* (DSM-V, 2014, p. 275).

[E4] *Alegam que raramente vivenciam **emoções fortes**, como raiva e alegria* (DSM-V, 2014, p.653).

No caso do enunciado 3, “emoções positivas” é reescriturado¹⁰ por expansão em “especialmente, felicidade, alegria, satisfação (...)”, produzindo efeito de especificação. Dessa maneira, podemos parafrasear E3 dizendo que *A felicidade é uma emoção positiva*. No caso do enunciado 4, temos um processo semelhante de reescrituração, em que “raiva e alegria” reescreve “emoções fortes” por expansão, especificando. Assim, chegamos à paráfrase de E4: *A alegria é uma emoção forte*.

A análise da rede semântica de euforia/elação nos permitiu demonstrar que a anormalidade, no DSM, está nos extremos. Apesar de não aparecer, em nenhuma das versões, uma definição do que é *normal*, nossas análises demonstraram que funciona uma certa ideia de normalidade, que tem a ver com uma espécie de “meio termo” que se define negativamente (pelo que não é). Isso porque as patologias constroem o normal. Michel Foucault, em *História da Loucura*, há muito demonstrou que o louco é criado para garantir o teatro da racionalidade ocidental. Da mesma maneira, o DSM patologiza tudo aquilo que

¹⁰ “A reescrituração é o modo de relação pelo qual a enunciação rediz o que já foi dito. Há reescrituração quando um elemento Y de um texto (uma palavra, uma expressão, por exemplo) retoma um outro elemento X do texto. Neste caso Y reescritura X. Este modo de relação enunciativa leva a interpretar uma forma como diferente de si. O elemento que reescritura atribui (predica) sentido ao reescriturado. Uma característica fundamental da reescrituração é que ela não se caracteriza pelas relações segmentais, ou de contiguidade, própria dos modos de relação por articulação [...]” (GUIMARÃES, 2018, p.85).

identifica como excesso, e esses excessos apresentam um funcionamento binário, materializado linguisticamente pelos efeitos de antonímia.

Assim, ao significar *alegria* enquanto uma *emoção forte*, predica-se alegria no lugar dos excessos, portanto das patologias. *Felicidade*, por sua vez, ao ser significada enquanto uma *emoção positiva*, predica-se no lugar da eutímia, portanto da normalidade. Isso nos leva a dizer que, nos DSM, existe um funcionamento semântico tal para a palavra felicidade, em que é produzida uma antonímia entre *alegria* e *felicidade*.

A relação de antonímia, assim, não se dá entre felicidade e tristeza / depressão, mas entre modos distintos de experimentar os próprios afetos, o que pode nos dizer algo dos efeitos ideológicos e disciplinares subjacentes às normatividades contemporâneas que produzem corpos saudáveis e felizes.

Vida e Sentido

Filósofo do trágico e do *amor fati*, Nietzsche é chamado por Roberto Machado (2014) de *o filósofo da alegria*. Não poderia haver epíteto mais justo, sobretudo tendo em vista os efeitos de antonímia entre alegria e felicidade que exploramos ao longo desse artigo. O demônio nietzscheano que aparece no aforismo 341 de *A gaia ciência*, faz uma pergunta decisiva nesse sentido:

Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem [...]. – Você não se prostaria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? (NIETZSCHE, FW/GC, §341).

Essa pergunta é decisiva porque, além de se tratar de uma passagem fundamental para se compreender o pensamento de Nietzsche, ela demonstra que alegria não é ausência de sofrimento – o que se aproximaria da “eutímia” do DSM. Pelo contrário, a vida enquanto potência é justamente dor e prazer na mesma vida. Afirmar a vida é então afirmar seus contrários e contradições. Giacoia (2013, p.294), ao tratar da diferença fundamental entre Nietzsche e Schopenhauer, afirma que, para Nietzsche, “a existência é sofrimento, absurdo desprovido de todo sentido ou justificação moral. Não existe motivo, razão ou fundamento para o sofrimento, para a dor da falta de sentido, que é irresgatável – isso porque a liberdade

inteligível é menos uma tese do que uma fábula, cuja plausibilidade é nutrida pelo erro da causalidade imaginária”.

Com Freud e o seu mal-estar, encontramos uma série de trilhas que não asseguram a plenitude, tampouco nos guiam rumo às armadilhas de uma vida cercada por muros, corpos e egos fortes o bastante porque adaptados. "O advento da ideia de um mal-estar se faz em oposição à crença numa felicidade possível, ainda que amparada e apregoada pelo progresso das ciências e da técnica" (IANNINI & SANTIAGO, 2021, p.54). A busca pelo *sentido* da vida é grande causa de sofrimento, pois, para Nietzsche, “a vida é justamente ausência de sentido. Daí a necessidade de restituir a inocência ao mundo do devir”, já que apenas por meio da destruição de “todo *direito* (causa, razão, fundamento, legitimidade)” é possível criar as possibilidades de vida (GIACOLA, 2013, p.294).

O contrário disso é o nosso tempo, em que não apenas há uma massa tentando preencher, a qualquer custo, o vazio dos dias, mas também toda uma economia de influenciadores-seguidores, em que os primeiros “ensinam” aos segundos o que fazer com a própria vida. Rotinas de *skincare*, de atividades físicas, receitas, viagens, dietas, modos de amar e se relacionar: a busca por uma vida “equilibrada”, por meio de vários excessos.

Byung-Chul Han (2017) chama essa corrida de “um empuxo à busca por uma vida sadia”, que se traduz na ausência de tempo e espaço para as celebrações – a possibilidade justamente da alegria nos inesperados momentos. A descrição feita por Han, assim como o que discutimos nas análises, parece aproximar este empuxo à tentativa de apagar qualquer traço subjetivo ou, se quisermos, qualquer traço singular, de toda a experiência, seja ela de alegria, tristeza ou felicidade.

Diante disso, esperamos que esse texto contribua para a reflexão sobre a morbidez de uma busca incessante por um suposto “caminho do meio” que levaria à felicidade plena de uma vida sem variação contínua. Que possamos cultivar alegrias, sem deixar de lado seus contrários.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM-V)**. Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Third Edition (DSM-III)**. Arlington, VA: American Psychiatric Association, 1980.

CAPONI, Sandra. O DSM-V como dispositivo de segurança. In: **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 24, p. 741-763, 2014.

CONSTANTINO, R. **In the End**: a história de Chester Bennington. Tradução: Natalia Cesana e Amanda Pavani. Contagem, MG: Estética Torta, 2022.

DIVERTIDA MENTE. Direção: Pete Docter. Produção: Jonas Rivera. Roteiro: Pete Docter, Meg LeFauve, Josh Cooley. [S.l.]: Pixar Animation Studios, 2015. 1 DVD (94 min), son., color.

DIVERTIDA MENTE 2. Direção: Kelsey Mann. Produção: Pixar Animation Studios. Roteiro: Meg LeFauve. [S.l.]: Pixar Animation Studios, 2024. 1 DVD (94 min), son., color.
FOUCAULT, M. **Folie et déraison, Histoire de la folie à l'âge classique**. Paris: Gallimard, 1961.

_____. **Les anormaux**. Paris: Gallimard, 1999.

FREUD, S. (1930). **Mal-estar na cultura**. In: _____. **Obras incompletas**: Cultura, sociedade, religião – O mal-estar na cultura e outros escritos. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

GIACOIA, O. Nietzsche. **O humano como memória e como promessa**. Petrópolis: Vozes, 2013.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica**: enunciação e sentido. Pontes, 2018.

GONÇALVES, N.; HARARI, A.; SANTIAGO, J. **A felicidade na cultura**. In: FUENTES, M.J. & VERAS, M. **Felicidade e sintoma**: ensaios para uma psicanálise no século XXI. Salvador: Corrupio, 2008

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

IANNINI, G.; SANTIAGO, J. **Mal-estar**: clínica e política. In: FREUD, S. **Obras incompletas**: Cultura, sociedade, religião – O mal-estar na cultura e outros escritos. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MACHADO, Isadora. **Nietzsche, o destino singular da linguagem**. 2015. Tese de Doutorado. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/948617>

MACHADO, Isadora. Projeto de Pesquisa. 2023. [mimeo]

MACHADO, Roberto. “Nietzsche é o filósofo da alegria”. Entrevistador: Rogério BORGES. **O Popular**, Goiânia, 26 out. 2014. Disponível em: <https://secom.ufg.br/n/75985-nietzsche-e-o-filosofo-da-alegria>. Acesso em: 15 jan. 2025.

MARTINS, Anderson Luiz Barbosa. O Governo da conduta: o poder médico e a liberdade dos indivíduos na sociedade contemporânea. 2012. 337 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1618399>. Acesso em: 03 jan. 2025.

NICARETTA, M. A emergência da nova psicoterapia na Era de Ouro Estadunidense: o resumo de uma história. In: **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, vol. 31, núm. 81, julho-dezembro, 2011, pp. 358-377.

NIETZSCHE, F. [1878, 1886] **Humano, demasiado humano**. Um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. [1879, 1880, 1886] **Humano, demasiado humano II**. Um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PERREAULT, I. La folie, c'est de n'avoir pas d'autres normes que soi-même: la psychiatrie au cours de l'après-guerre au Québec. In: **Santé mentale au Québec**, 40(2), 51–63, 2015. <https://doi.org/10.7202/1033041ar>

ZACHARIAS, Anna Carolina Vicentini. Stella do Patrocínio: da internação involuntária à poesia brasileira. 2020. 1 recurso online (364 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1639572>. Acesso em: 15 jan. 2025.